

PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Luciane Ribeiro da Silva

Mestra em Ciências da educação pela *UNASUR*

E-mail: professora.lucianeribeiro@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a prática do ensino de história, tendo como temática o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos no Município de Rio Tinto PB. O estudo envolveu três escolas: Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Gerbasi, Escola Municipal de Ensino Fundamental Rosália de Menezes, Escola Municipal de Ensino Fundamental Herman Lundgren. A pesquisa do tipo exploratória nas referidas escolas envolveu três professores do ensino fundamental na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos. A abordagem foi obtida em primeiro momento por meio de um questionário aplicado aos três professores de história do município que atuam na modalidade e na disciplina de História. Destacamos os fatores que dificultam o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e a caracterização das aulas de história, bem como conteúdos e métodos. Acreditamos que após esta pesquisa tenhamos convicção de uma melhor assistência pedagógica e uma formação continuada ajudando os professores de história a melhorar suas práticas de ensino. Sugerimos aos professores que efetivem suas práticas baseada no cotidiano dos alunos, no respeito e na solidariedade e assim construam juntos a eles suas histórias com mais prazer e significado. Pretendemos com este estudo contribuir para a melhoria do ensino e da aprendizagem de história, ao darmos visibilidade aos fatores que dificultam este processo no ensino fundamental da EJA, buscamos instrumentos que possibilitem o exercício de uma prática comprometida com a reflexão e a transformação da realidade dos educandos.

Palavras chave: Ensino de História, Aprendizagem, Cotidiano.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por tema o Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos no Município de Rio Tinto - PB. O estudo foi realizado com objetivo de conhecer os métodos do ensino de história, bem como o perfil dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a disciplina de História, buscando junto a eles compreender como ocorre uma aprendizagem mais significativa e prazerosa. Considerando que o ensino de história tenha significados importantes para o entendimento da realidade, das questões regionais, culturais, históricas, políticas e humanas. Escolhemos este tema pretendendo analisar, discutir métodos significativos que venham facilitar o ensino aprendizagem na modalidade EJA, com propósito de conhecer mais sobre a realidade em que o aluno EJA está inserido, com intuito de contribuir na sua formação pessoal e profissional.

Objetivamos com o presente estudo, identificar as causas que interferem no processo de ensino aprendizagem em sala de aula; refletir sobre a prática do docente que leciona História na Educação de Jovens e Adultos, no município de Rio Tinto; discutir formas de aprendizagem mais significativas para o ensino de História na EJA. Para tanto, sistematizamos este relatório de forma que na primeira parte nos dedicamos a refletir sobre pressupostos teóricos referentes ao ensino de história na EJA; destinamos a segunda parte para a metodologia da pesquisa; na terceira parte, realizamos a análise das entrevistas; por último, apresentamos algumas considerações sobre o estudo. O ensino de história tem sido objeto de uma série de debates, gerando reavaliações importantes, que direta ou indireta afetam o ensino desse componente curricular, envolvendo a sua implantação no currículo escolar. Durante a década de 1980, a história passou por uma série de dificuldades, mas com a ajuda de defensores conseguiu se estabelecer como campo de estudo importante para as reestruturações políticas, sociais, econômicas e culturais da época, garantindo seu espaço nas escolas brasileiras, mostrando que o ensino de história não pode ser simplesmente um estudo decorativo, mas um estudo da vida da humanidade, partindo da realidade do aluno.

Ao defender essa opinião, Gadotti (2002, p. 9) diz:

Na sociedade da informação a educação de adultos deve servir de bússola ao educando para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a

competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral e que essa bússola oriente criticamente os adultos na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer. Em função dessas questões, a metodologia a ser aplicada ao ensino de história, deve estimular ao aluno da EJA a interagir com o conteúdo para construir sua identidade, valorizar sua cultura, afirmar-se como sujeito histórico, tornar-se cidadão consciente.

Pensamos que, com liberdade e consciência, com espírito investigativo ligado ao mundo contemporâneo, o aluno também será capaz de resolver problemas que possam existir no seu cotidiano e da comunidade e dos grupos sociais que faz parte, com respostas e intervenções individuais e coletivas. Deve aprender também a valorizar os seus direitos conquistados, ou seja, sua cidadania, consolidando uma formação multifacetada e plural dos conteúdos de história.

Segundo Borges (2007, p.8), a proposta do ensino de história deve ser pautada na concepção que:

Esses jovens tem razão: o passado visto por si mesmo, o passado pelo passado, tem um interesse muito limitado, e por vezes nulo. Mas a história hoje em dia, não visa explicar esse passado distante e morto. E é a contribuição que ela pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação fora das universidades e das escolas onde ela está prisioneira a longo anos. Essa divulgação se torna importante na medida em que se acredita que a história ajudando a explicar realidade, pode ajudar ao mesmo tempo a transformá-la.

Nesse sentido, o professor de História deve viver o presente, sabendo analisar o passado e entender tantas questões e os porquês existentes, hoje, provocadores de investigações e estudos. Entendemos que esse seja o papel da história: analisar, conhecer, entender a nossa realidade. Segundo Borges (2007, p.19), “[...] percebe-se que em geral os historiadores buscam explicações para os momentos e situações que atravessam as sociedades

nas quais vivem”. Assim, a História é a história do homem, visto como um ser social, vivendo em sociedade. É a história das transformações humanas, desde o seu aparecimento na terra até os dias em que estamos vivendo. Desde o início, portanto, pode-se tirar uma conclusão fundamental: quer saibamos ou não, quer aceitamos ou não, somos parte da história, e desempenhamos nela um papel. Temos todos, então, desde que nascemos uma ação concreta a desempenhar nela. São os homens que fazem a história; mas, evidentemente, dentro das condições reais, que encontram estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonham.

Para entendermos a nós mesmos, nosso papel na sociedade atual, nossa condição de vida, os porquês de nossa existência, aspectos relacionados à raça, classe social, língua, características e realidades, precisamos estudar e entender a história. Borges (2007, p.54), nos adverte que precisamos entender que a história nos ajuda a “saber o que o homem fez em sociedade desde que está na terra, mostra muito sobre o próprio homem, ajuda a entendê-lo. Explicar as transformações sociais esclarecendo seus porquês leva a perceber que a situação de hoje é diferente da de ontem”. Não podemos ensinar por ensinar história, sem sentido, sem significado, sem comparação com nossa história de vida, temos que integrar o real ao passado e abordarmos o presente, com questionamentos e críticas, conhecer e valorizar nossa cultura, nosso patrimônio, nossa história, ensinar e encantar de forma prática, crítica e eficaz. Trabalhando para que nossa sociedade seja mais participativa, consciente e transformadora. Esse é o papel de ensinar história: valorizar sua própria história de vida e fazer com que o aluno sintá-se participante e aja como um ser ativo.

Para realização desse trabalho, fez-se necessário selecionar professores que atuassem na disciplina de história em turmas de EJA, nas escolas selecionadas. Esta modalidade por sua vez conta com seis professores de história incluindo a pesquisadora, visto termos um número restrito, selecionamos três dos seis professores atuantes. Sentimos a necessidade de colhermos mais informações e dados para complementar esta pesquisa, elaboramos questionários para os professores selecionados onde os mesmos ensinam nas escolas pesquisadas, tendo sido de fundamental importância a participação desses professores em virtude de sua familiaridade com o assunto em estudo e os dados fornecidos para o enriquecimento desta pesquisa.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória acompanhada de levantamento bibliográfico, documental e de campo, com destaque para a realização de estudo de casos. Quanto aos procedimentos técnicos adotados utilizou-se a pesquisa bibliográfica e um estudo de casos nas escolas: municipais de Ensino Fundamental Prefeito Gerbasi, Herman Lundring, e Rosália de Menezes, todas situadas no município de Rio Tinto/PB. Quando os entrevistados

se referiram às vivências com as temáticas específicas da EJA, relataram que são sempre muito espontâneas, envolvendo, quando possível à realidade deles. A maioria dos educandos, principalmente os situados no campo, são companheiros, compartilham saberes advindos do seu dia a dia, e assim ajudam a expor conteúdos, muitas vezes, sugeridos por eles mesmos. É o que afirma um dos professores entrevistado, que atua no campo: “[...] em momento algum me acho professor e sim um amigo integrado a eles” A partir dessa afirmação, podemos refletir que, embora o processo ensino aprendizagem tenha intervenção dos coordenadores na elaboração dos conteúdos, os professores sentem-se à vontade em abordar temas relacionados com o dia a dia dos alunos, principalmente, no que diz respeito às turmas da EJA que situam-se no campo.

No universo das possibilidades didáticas, ainda é muito pouco o que se usa como recursos para a aprendizagem significativa nas aulas de história, ainda que alguns dos professores usem os relatos de vida como recurso metodológico, mas falta muito a ser explorado. São infinitas as possibilidades de recursos a serem utilizados numa aula, podendo ser aproveitado: a música, os gestos, os objetos, as lendas, os acontecimentos locais, entre tantos outros. Tudo pode ajudar, basta um olhar mais criativo, mais dedicação ao planejamento, para tornar possível o enriquecimento das aulas de história.

Neste sentido, (Pinto 2000, p.113, apud Lopes,) diz que:

Compete ao professor, além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçar-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como sua correta atividade.

O acompanhamento pedagógico é realizado pelos orientadores da Secretaria Municipal de Educação, através de visitas bimestrais nas escolas. No entanto, os professores entrevistados afirmam, em comum acordo, que ainda não tiveram planejamento em equipe, apenas visitas individualizadas. Relatam que sentem dificuldades pedagógicas, porque cada

um é responsável pelo seu próprio planejamento e faz esse plano de acordo com o que pensa conveniente para a turma. Terminam utilizando um pouco dos conteúdos mínimos que recebem dos coordenadores da modalidade EJA.

Nesse sentido, o acompanhamento pedagógico apresenta fragilidades, ficando a responsabilidade para o professor da disciplina. É preciso um acompanhamento mais adequado que seja eficaz, em que o professor, juntamente com o coordenador, encontre o melhor caminho para a aprendizagem. Precisamos considerar que a EJA é uma modalidade diferenciada, pelo fato de assistir sujeitos dantes excluídos e agora inseridos na construção de sua cidadania. Deve-se ter um olhar especial a estes jovens e adultos, que estiveram tanto tempo a margem da sociedade. A esse respeito, concordamos com a premissa apresentada por Hora (1999, p. 41

É pela proposta pedagógica que a escola define a intencionalidade de sua ação educativa, de onde emergirão os objetivos, na sua condição de agente de seu próprio conhecimento na relação com o contexto físico e social, concreto ou simbólico. A explicitação de intenções é, portanto, fundamental para que a comunidade conheça a opção política que a escola adota e o papel de sua prática educativa no desenvolvimento do processo social.

O modo como ensinamos História na EJA, depende muito de cada um dos educadores e dos educandos. Muitas vezes, o mesmo conteúdo é exposto de forma variada e criativa, conforme o desempenho da aprendizagem da turma e do contexto em que estão inseridos. Os sujeitos pesquisados afirmam que não há assunto mais ou menos essencial ao aluno da EJA: “todos tem sua importância e são necessários para a construção e saberes dos educandos, mas o que merece destaque é a história de vida que cada um traz consigo”. É interessante e muito louvável abordar as várias histórias de cada ser, não esquecendo que, seja qual for o tipo de história, precisa antes de tudo ser muito bem planejada, com criatividade, bem elaborada, pois as várias histórias podem trazer várias discussões. O professor deve estar preparado a variados questionamentos.

Tais resultados mostraram que os professores são em sua maioria capacitados mais ainda precisam de uma ajuda pedagógica e uma formação continuada, atualizando-se com a

realidade dos alunos. Verificou-se que os professores pesquisados reconhecem que muitas vezes o sistema é falho e eles, por sua vez fazendo parte deste sistema, estão abertos a novas aprendizagens, suficientemente dispostos a desenvolverem atividades mais significativas para a vida cotidiana dos alunos envolvidos na Educação de Jovens e Adultos. Assim devem atribuir ênfase aos costumes, religião, experiências vividas e do mundo do trabalho em que os alunos estão inseridos. Visto que trabalhar com temas reais, no ensino da História, conhecidos por todos, é bem mais instigante.

A este respeito, Freire (1985, p.48) afirma que:

A primeira coisa que aquele que ensina deveria aprender é saber perguntar. Saber perguntar-se, saber quais são as perguntas que nos estimulam e estimulam a sociedade. Perguntas essenciais, que partam da cotidianidade, pois é nela onde estão as perguntas. Se aprendêssemos a nos perguntar sobre nossa própria existência cotidiana, todas as perguntas que existissem respostas e todo esse processo perguntas-respostas, que constitui o caminho do conhecimento, começariam com essas perguntas básicas de nossa vida cotidiana, desses gestos, dessas perguntas corporais que o corpo nos faz, como você diz.

As indagações são as causas pelas quais nos estimulam a ensinar e aprender História, pois conhecer o novo é sempre um atrativo, um objeto de desejo que move o universo, a razão pela qual estamos renovando a cada instante. O universo não para, está em constante movimento, e assim somos nós, embora, às vezes, não saibamos como nos relacionar com o novo, com as questões relacionadas com o dia a dia ou até mesmo com o simples fato da nossa existência. Devemos sim, nos preocupar com pequenos questionamentos para entendermos a nós mesmos.

CONCLUSÕES

Após a realização desse estudo, chegamos às seguintes reflexões: A partir das falas dos professores entrevistados, foi possível constatar que, existe certa uniformidade na didática, no modo como as aulas de história são ministradas na EJA, as quais acontecem, na maior parte do tempo, através de aulas expositivas. Nesse sentido, os educandos se limitam a copiar os assuntos no caderno e acompanhar a leitura. São poucos os incentivos à participação dos alunos no uso da criatividade. As inovações metodológicas estão mais presentes nas escolas do meio rural, onde acontecem aulas mais dinâmicas e diversificadas, para nossa surpresa.

Identificamos que não há um planejamento específico para a modalidade que seja capaz de confrontar a identidade cultural dos educandos com as temáticas ou conteúdos ensinados na disciplina História. Por isso, percebemos que há necessidade urgente de repensarmos as metodologias utilizadas, investir naquelas que provoquem a participação do aluno nas aulas de História na Educação de Jovens e Adultos. Torna-se cada vez mais necessário uma assistência pedagógica e uma formação continuada que ajude os professores de História a melhorarem suas práticas de ensino. As dificuldades de ensino e aprendizagem da História envolvem aspectos políticos e pedagógicos que devem ser implementados e realizados, seja pela escola ou pelas instituições reguladoras (secretarias, ministérios) através de políticas educacionais efetivas. Sem essas condições, muitas vezes, fica inviabilizada qualquer melhoria no processo de ensino aprendizagem. Sabemos que a educação só acontece com a participação de todos, estes comprometidos com a escola e a transformação da sociedade, na intenção de formar cidadãos sabedores de seus direitos e deveres, atuantes no meio em que vivem.

Para amenizar as condições adversas que ainda predominam na EJA, todos os atores da escola, principalmente os professores de História, que são os agentes centrais na difusão dessa ciência como saber escolar, deverão compactuar com o compromisso de unirem-se com um único objetivo: desenvolver na escola um ensino de história com qualidade. Podemos sugerir aos professores da EJA, que atuam no ensino de história, que construam o ensino e a aprendizagem firmados no diálogo e no respeito mútuo, que as práticas educacionais se efetivem coletivamente no companheirismo e na solidariedade, que seja considerada e valorizada também a história de cada aluno, como parte da história da humanidade. De modo geral, levando em conta as diferenças desse segmento, devemos nos preocupar em construir,

junto a ele, uma aprendizagem mais significativa, capaz de reivindicar, pensar, criar, enfim, mudar para melhor o modo de vida desses jovens e adultos em sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa, 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1970.

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 2ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2002.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão educacional democrática**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11ª ed. São Paulo. Cortez, 2000. In: LOPES, selva paraguassu; Sousa, Luiza Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? Revista Alfabetização solidária (alfasol), Volume V, setembro, 2005.